

SCHWARCZ, M. Lília; STARTING, M. Heloisa. *Três Vezes Brasil*. Alberto da Costa e Silva. Evaldo Cabral de Mello. José Murilo de Carvalho. 1º ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Larissa Aparecida Ramo<sup>1</sup>

Lucas Gabriel Evangelista<sup>2</sup>

Na obra *Três Vezes Brasil*, organizada pela historiadora e antropóloga Lília Moritz Schwarcz e pela historiadora Heloisa Murgel Starling e publicada em 2019, nos deparamos com a trajetória de quem elas mesmas definem como “três pensadores inquietos”, sendo eles: Alberto da Costa e Silva, Evaldo Cabral de Mello e José Murilo de Carvalho, “três pensadores, três humanistas, três historiadores de ofício, carreira e vocação” (2019, p. 8). Dessa maneira, a proposta geral da obra pode ser caracterizada pela apresentação de *três brasis*, cada um deles de uma perspectiva diferente, com objetos e campos de análise próprios. “Trata-se aqui de render uma homenagem a esses três historiadores [...] cada um deles imagina, analisa o país e escreve sobre ele a partir de um ponto de vista próprio” (2019, p. 9).

Com Alberto da Costa e Silva, historiador, diplomata, memorialista, crítico de arte, poeta e primeiro pensador apresentado, nos transportamos para o Brasil do século XVI, em específico para o que ele designa como “o rio chamado Atlântico”, que nos leva até a África e a traz até nós. Para ele, além da importância de compreendermos as diferentes Áfricas que moldaram nosso país, é impossível tentarmos entendê-lo sem recorrermos a elas e às influências mútuas entre os continentes. Nesse sentido, segundo a pesquisa desenvolvida pelo africanista, o Brasil é um país “extraordinariamente africanizado” e, do mesmo modo, em toda a costa atlântica africana podemos reconhecer aquilo que é denominado como “brasileirismos”. Tal fenômeno se estabelece no processo de trocas entre Brasil e África. É nesse sentido, tendo em mente o processo de ida e volta entre os continentes que, segundo as autoras, da Costa e Silva desenvolve uma pesquisa sólida, baseada em vasta documentação e muita erudição, sobre como a África tornou-se parte integrante das veias brasileiras.

Já com o segundo pensador, Evaldo Cabral de Melo, historiador, escritor, ensaísta e também diplomata, nossa trajetória realiza um salto para o século XVII, em particular na Zona da Mata pernambucana. Inspirado por pensadores e escritores como José Lins do Rego e Gilberto Freyre, Evaldo nos apresenta uma nova maneira de visualizar o Império Brasileiro, que visto a partir de Pernambuco e não da corte instalada no Rio de Janeiro, evidencia um novo panorama sobre a variedade dos projetos políticos formulados até o século XIX. Sendo assim, “a grande novidade de seus livros é exatamente essa:

<sup>1</sup> Graduanda em História no Centro Universitário do Sagrado Coração/Bauru-SP.

<sup>2</sup> Graduando em História no Centro Universitário do Sagrado Coração/Bauru-SP. Resenha realizada para a disciplina Brasil Republicano II, sob a orientação da profª Drª Lourdes M. G. C. Feitosa.

é possível escrever uma história de Pernambuco que se desenha no Brasil e pelo Brasil [...]”. (2019, p. 11).

Ao mostrar essa província como um local em que também se discutia os rumos da política do país para além da capital, e de que além do regime monárquico, a república era prevista para nossa Independência, este pensador realça um novo parâmetro para a história do Brasil. Através do seu *Sexteto pernambucano*, ou seja, das seis obras que fazem parte de seu projeto historiográfico, Evaldo se concentra na adoção de uma postura decolonial, que contrária ao “centralismo da narrativa nacional”, parte da realidade canavieira até a independência de 1822 de modo a iluminar o país a partir das conjunturas regionais. Estas obras são: *Olinda restaurada* (1975); *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana* (1986); *O negócio do Brasil* (1998); *O nome e o sangue, de 1989*; *A fronda dos mozombos: nobres contra mascates, Pernambuco, 1666-1715* (1995), e *A Outra Independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824, de 2004*.

Favorável à ideia de que na história há possibilidades de os acontecimentos serem vistos de forma diferente do que foram, esse pensador expressa uma espécie de crítica às interpretações de cunho laudatório e ufanista quanto a presença de D. João VI no Brasil e a Independência, no período de 1820 a 1822. É necessário, segundo ele, observar com olhos críticos o enraizamento da “tradição Saquarema da historiografia da corte” e do “rio-centrismo”, e quais foram as rupturas e tensões que se opunham ao projeto de integração nacional monárquico e ao próprio regime. Para as autoras, segundo o autor, “foi por isso que o Sete de Setembro se converteu em um final anunciado, desqualificando qualquer posição política que pretendesse dar ao país outro rumo ou vocação”. (2019, p. 127)

Para finalizar, ainda no século XIX chega-se ao último e não menos importante pensador. O historiador, sociólogo, cientista político e membro da Academia Brasileira de Letras desde 2004, José Murilo de Carvalho. Este, segundo Schwarcz e Starling, construiu uma obra dedicada a executar duas tarefas interligadas. A primeira é dedicada a compreender a concepção de Estado e nação no Brasil, abordada primordialmente em seu livro “A formação das Almas”, de 2017. De acordo com as autoras, José Murilo (2019, p. 11) “concluiu que a elite imperial teve êxito em erguer o Estado, mas não foi capaz de passar o poder ao povo, isto é, aos cidadãos”. A segunda tarefa, trata do entendimento da sociedade e dos brasileiros a partir do início da república, na qual ele astutamente observa a redistribuição de poder entre as elites locais.

“O início da República é, para ele, uma escolha estratégica: o ponto de partida para compreender as origens da fragilidade do fundamento democrático entre nós e o início do longo e conturbado caminho para a construção da cidadania [...]”. (2019, p. 11). Para Murilo de Carvalho, o pecado original da República brasileira está presente na falta de investimento na própria construção da cidadania, e por mais que os indivíduos manifestem seus descontentamentos via passeadas, por exemplo, na maioria das vezes não

há respostas do Estado às suas demandas, fazendo com que essas pessoas se sintam desalojadas das decisões públicas.

Desde o golpe civil-militar de 1964, em busca de compreender o fatídico 31 de março daquele ano, José Murilo iniciou uma pesquisa detalhada sobre o papel dos militares na república, conjunto às modificações das Forças Armadas ao longo da história brasileira. Ademais, ele também estuda o papel dos intelectuais e das elites políticas na construção do Estado brasileiro e de sua identidade nacional, fazendo com que, em todo seu trabalho, haja uma preocupação, ora com a construção do estado no Império e a tentativa de estabelecer a nação republicana, ora com o próprio desenvolvimento da sociedade brasileira. De resto, para além das suas principais obras, as autoras também destacam a biografia do autor a respeito do imperador D. Pedro II, relevante para a compreensão e estudos sobre o Brasil Império. Por fim, para Murilo de Carvalho, quanto ao trabalho do historiador, este se resume em “[...] ter muitas ideias na cabeça e muitos documentos na mão”. (2019, p. 208)

Em geral, *Três Vezes Brasil* mostra-se uma obra excepcional para aqueles que buscam informações breves quanto aos estudiosos da história do Brasil, apresentando também de que modo as pesquisas que eles desempenham são elaboradas e influenciadas por outros autores de suas épocas. Tanto para o público leigo, como os acadêmicos, a viagem por esses historiadores de ofício não será dificultada por um palavreado rebuscado ou permeado por questões mais específicas da área, pelo contrário, os três utilizam-se de uma linguagem fluída, de fácil compreensão, envolvente e muito acessível a todos os interessados em compreender e refletir a respeito da história republicana brasileira.